



Num mundo cada vez mais marcado pela eliminação da dor, pela pressa em pôr fim ao sofrimento e pela perda do sentido transcendente da vida, o debate sobre o suicídio assistido tornou-se uma das questões mais controversas do nosso tempo. Por trás do véu da compaixão, da liberdade individual e da dignidade, esconde-se uma realidade mais profunda e complexa: uma realidade que não diz respeito apenas à pessoa, mas à própria alma da nossa civilização.

Este artigo é um convite à reflexão séria, clara e profundamente espiritual sobre o suicídio assistido, à luz da rica tradição do pensamento católico. O nosso objetivo não é apenas explicar por que razão a Igreja o considera inaceitável, mas sobretudo mostrar que a vida humana — mesmo na dor — tem um valor infinito, que o sofrimento é redimível, e que o acompanhamento de quem sofre é um gesto cristão heróico e um verdadeiro sinal de civilização.

1. O que é o suicídio assistido?

O suicídio assistido é a prática pela qual uma pessoa — geralmente um médico — fornece a um paciente os meios para tirar a própria vida, normalmente através de um fármaco letal. Ao contrário da eutanásia ativa, no suicídio assistido é o próprio paciente que realiza o ato final.

Os defensores desta prática apelam frequentemente à autonomia do paciente, ao seu direito a uma “morte digna” e à vontade de evitar sofrimentos físicos ou psicológicos considerados insuportáveis. Contudo, por detrás desta aparente compaixão, esconde-se uma ferida profunda da nossa cultura: a incapacidade de dar sentido ao sofrimento, a solidão radical de muitos e a medicalização da morte, que se torna cada vez mais desumanizada.

2. Uma civilização que já não sabe o que fazer com o sofrimento

Vivemos numa sociedade que idolatra o bem-estar físico, a juventude e a eficiência. Neste contexto, a dor, a dependência e a velhice tornam-se fracassos inaceitáveis. O corpo é tratado como um objeto a ser descartado quando “já não funciona”.



O Papa Francisco falou com força sobre este tema:

“A eutanásia e o suicídio assistido são uma derrota para todos. A resposta que somos chamados a dar não é o abandono de quem sofre, mas a proximidade, a compaixão e o acompanhamento.”
(Discurso à Sociedade Italiana de Oncologia Médica, 2019)

O sofrimento já não é acompanhado, mas eliminado. A pessoa que sofre já não é cuidada, mas abandonada em nome da “piedade”.

A tradição cristã ensina, porém, que o sofrimento — por mais misterioso e doloroso que seja — nunca é inútil. Em Cristo crucificado, ele adquire um valor redentor:

“Agora me alegro nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu corpo, que é a Igreja.” (Colossenses 1,24)

3. Uma história de fidelidade à vida

Desde os primeiros séculos, a Igreja condenou o suicídio e todas as suas formas indiretas. O *Catecismo da Igreja Católica* (nn. 2280–2283) ensina:

“Somos administradores e não proprietários da vida que Deus nos confiou. Não a podemos dispor.”

O suicídio contradiz o amor a si mesmo, ofende o amor ao próximo e rejeita o amor de Deus. Ao longo dos séculos, santos, mártires, místicos, padres da Igreja e teólogos sempre reafirmaram o valor da vida, mesmo na dor.



São João Paulo II, na encíclica *Evangelium Vitae* (1995), denunciou esta nova forma de “cultura da morte”:

“A eutanásia é uma grave violação da lei de Deus, pois é a morte deliberada e moralmente inaceitável de uma pessoa humana.”

4. Misericórdia mal compreendida

Um dos argumentos mais frequentes a favor do suicídio assistido é a misericórdia. Como não ajudar quem sofre terrivelmente?

Mas a verdadeira misericórdia não elimina quem sofre: acompanha com amor, sustenta com ternura, oferece presença. Como disse o Papa Francisco: “A eutanásia não é um ato de compaixão. É uma derrota do amor.”

A verdadeira misericórdia:

- **Acompanha** – não abandona na escuridão.
- **Escuta** – não impõe, mas acolhe o clamor do coração.
- **Cuida** – não elimina a dor a qualquer preço, mas apoia quem sofre.
- **Redime** – encontra no Crucificado a luz em toda treva.

5. Consequências teológicas: Onde está Deus na dor?

A grande pergunta da pessoa que sofre é: Por quê? Onde está Deus quando mais preciso? Por que Ele permite a dor?

A resposta cristã não é um conceito, mas uma pessoa: **Jesus Cristo**. Ele não eliminou o sofrimento do mundo: **assumiu-o, viveu-o, redimiou-o**. Na cruz, Deus uniu-se à dor do homem. Não nos deu uma teoria, mas a sua presença.

Isso muda tudo:



- Deus **não nos abandona** na dor.
- A dor **não é inútil**, se unida à Paixão de Cristo.
- A dor vivida com amor **torna-se oferta, intercessão, salvação**.

“Se morremos com Ele, também com Ele viveremos; se perseveramos, também com Ele reinaremos.” (2 Timóteo 2,11-12)

6. O que diz hoje a Igreja?

Diante do suicídio assistido, a Igreja propõe uma resposta completa e integral, feita de:

- **Medicina paliativa** – uma medicina que cuida, acompanha e não acelera a morte.
- **Presença humana e espiritual** – famílias, comunidades e paróquias que não abandonam.
- **Acompanhamento pastoral** – sacerdotes, religiosos e leigos que rezam, escutam e consolam.
- **Sacramentos** – especialmente a Eucaristia e a Unção dos Enfermos, como força para a última etapa da caminhada.

A vida — mesmo ferida — é digna de ser vivida. Não estamos sós.

7. Guia prática para os católicos: O que fazer se alguém querido quer morrer?

1. Ouvir com o coração

Muitas pessoas não querem morrer: querem que a dor acabe. Escuta, paciência e proximidade podem abrir brechas de luz.



2. Responder não com argumentos, mas com amor

O que salva não são palavras, mas gestos: tempo doado, carícias, perdão, presença.

3. Buscar ajuda profissional e pastoral

Não estamos sós. Há médicos, psicólogos, padres, voluntários, comunidades. O sofrimento partilhado é mais suportável.

4. Falar com delicadeza sobre o sentido da dor

Com respeito, pode-se oferecer testemunhos de quem encontrou sentido no próprio calvário. Não para impor, mas para inspirar.

5. Oferecer acompanhamento espiritual

Propor rezar juntos, participar da Missa, confessar-se, receber os sacramentos. Preparar o coração para o encontro com o Pai.

6. Defender os cuidados paliativos

Informar-se, garantir o direito a um fim digno, mas não provocado.

8. Como viver isso no dia a dia?

- **Valorizar a vida frágil** – cuidando, antes de tudo, dos idosos, doentes e solitários.
- **Educar para a esperança** – ensinar aos jovens que a dor não é o fim, mas pode conter beleza.
- **Ser comunidade** – criar redes de amor onde ninguém se sinta inútil.
- **Rezar por quem sofre** – pelos moribundos, pelos que pensam em suicídio, pelos que perderam o sentido.



Conclusão: A verdadeira civilização

Uma civilização não se mede pela tecnologia, pelas leis ou pelo progresso, mas por **como trata os seus mais fracos**. O suicídio assistido não é misericórdia: é o fracasso de uma cultura que já não sabe amar.

Mas há esperança.

A fé católica convida-nos a olhar para o alto, para o Crucificado ressuscitado, a não fugir da dor mas a transfigurá-la. Chama-nos a ser **luz para quem sofre, voz para quem não tem palavras, presença para quem está só**.

Que também nós, no final do nosso caminho, possamos dizer com São Paulo:

“*Combati o bom combate, terminei a corrida, conservei a fé.*” (2 Timóteo 4,7)

E quando chegar a nossa hora, que a nossa morte não seja fruto do desespero, mas ato de amor, em paz, confiando-nos ao Pai.